



O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS E A VALORIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

Carla Sibeles Posnik dos Santos¹

Greika Favile²

Desiré Luciane Dominschek³

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi regulamentada pela LDB (Lei nº 9.394/1996), no intuito de garantir o direito à educação para quem não teve acesso ao ensino na idade adequada, valorizando as trajetórias de vida dos estudantes como parte essencial do processo de aprendizagem. No entanto, a formação docente muitas vezes é insuficiente para os desafios específicos da EJA, destacando a importância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na articulação entre teoria e prática. Este estudo, vinculado ao PIBID do Centro Universitário Internacional (UNINTER), adotou uma abordagem qualitativa, junto a pesquisa bibliográfica e de campo, com observações participativas em uma turma da EJA na Escola Municipal Professora Maria Marli Piovezan, em Curitiba (PR). Os resultados evidenciaram que os educandos trazem consigo saberes construídos fora da escola, os quais, quando valorizados pedagogicamente, como propõe Freire (1996) e Arroyo (2006), tornam-se bases para uma educação emancipatória. A conexão dos "Temas Geradores", integrando a realidade dos alunos ao currículo. Conclui-se que a EJA deve superar a lógica da reposição escolar, reconhecendo a aprendizagem como um processo coletivo e afetivo, e que o PIBID é fundamental na formação de docentes críticos, capazes de transformar saberes da comunidade em ferramentas de emancipação, reforçando a importância da práxis na educação transformadora.

Palavras-chave: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação À Docência (Pibid), Práxis, Formação Docente

INTRODUÇÃO

Ao ensinar para jovens e adultos é preciso compreender que essa prática ultrapassa a simples transmissão de conteúdos, esse método de ensino é antes de qualquer coisa um espaço onde o respeito e o reconhecimento das trajetórias da vida dos estudantes são valorizados. Desta forma essas experiências pessoais se tornam protagonistas no processo de ensino e aprendizagem tornando o aprender mais significativo e transformador. A Educação de Jovens

¹ Professora Preceptora do PIBID/RP UNINTER, Escola Municipal Maria Marli Piovezan. Possui Magistério, Graduação em Pedagogia, Pós-graduação, carlaposnik@hotmail.com

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura em História - UNINTER, favilegreika@gmail.com

³ Professora Orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e coordenadora do PIBID/RP UNINTER, e-mail: DESIRE.D@uninter.com



e Adultos (EJA) está regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei nº 9.394/1996). Conforme o Artigo 38, a EJA destina-se a quem não teve acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade apropriada, garantindo esse direito de forma gratuita. No entanto, identifica-se uma problemática: a formação pedagógica, em muitos casos, mostra-se insuficiente para preparar professores adequadamente para os desafios específicos da EJA.

Como aponta Ventura, raramente dentro de licenciaturas é pensando no fazer pedagógico para EJA, os moldes de escolarização são refletidos para crianças e adolescentes (2012, p.74). Quando perpetuamos isso, é esquecido como foi constituída a história da educação dentro do Brasil, em como a luta como o analfabetismo ainda é presente nos dias atuais, e em como é na EJA que as desigualdades se evidenciam. Diante disso, destaca-se a importância do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que desempenha um papel fundamental na formação docente, articulando teoria e prática e promovendo a práxis educativa.

Nesse contexto, analisaremos a realidade da EJA na Escola Municipal Professora Maria Marli Piovezan, localizada em uma área periférica do bairro Uberaba, em Curitiba (PR). Ao introduzir essas experiências, o professor deixa de atuar como transmissor do conhecimento e passa a mediar a aprendizagem, onde os saberes prévios dos seus estudantes são incorporados às novas aprendizagens, adaptadas ao Currículo e ao Projeto Político Pedagógico da instituição.

METODOLOGIA

A pesquisa está vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do Centro Universitário Internacional (UNINTER). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e de campo, baseando-se em Severino (2013) que destaca que a pesquisa de campo se caracteriza pela investigação direta do fenômeno em seu contexto original, onde os dados são coletados de forma natural, preservando a autenticidade dos processos observados, “abrange desde os levantamentos (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.” Essa prática foi efetivada nas visitas à sala de aula realizadas pelas acadêmicas do projeto PIBID, na turma da EJA da Escola Municipal Professora Maria Marli Piovezan e nas articulações com a professora da EJA, com relação ao educando para com a docência. No primeiro contato, os estudantes da EJA tiveram interesse em conhecer os acadêmicos, assim como as acadêmicas se mostraram solícitas e dispostas. Logo as interações





foram acontecendo de forma natural com muito acolhimento e conversa entre todos. Além das

observações, as acadêmicas se dispuseram a auxiliar na rotina da sala, distribuindo materiais e ajudando nas atividades e propostas.

O ensino de jovens e adultos busca trabalhar com os temas geradores, onde os círculos de conversas e as leituras do mundo são ligadas à realidade dos estudantes. Essas estratégias são eficientes para interligar os relatos com os conteúdos a serem trabalhados. É um momento onde se aprende sobre respeito mútuo, consciência crítica e cidadania. De acordo com Freire (1996), é necessário respeitar a “leitura de mundo do educando” e isso significa “tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 63). Na EJA, essa premissa freiriana revela-se particularmente pertinente e imprescindível, pois os educandos adultos trazem experiências de vida que, quando valorizadas pedagogicamente, potencializam significativamente o processo de aprendizagem.

Com base em Arroyo (2006), busca-se compreender quem é esse educando, reconhecendo que os determinantes sociais, raciais e de gênero permeiam sua trajetória e influenciam suas condições de acesso, permanência e participação na escola.

Esta pesquisa conta com aprovação do Comitê de Ética da UNINTER (CAAE: 46094021.0.0000.5573).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabemos do déficit na formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos cursos de licenciatura, o que reforça a importância de propor ações que permitam aos docentes valorizarem as experiências pessoais dos educandos, compreendendo que seus saberes já estão consolidados em suas linguagens e práticas cotidianas, reconhecendo esses conhecimentos como base para o processo educativo. Mas Arroyo aponta como problemática que:

Se esse perfil de educação de jovens e adultos não for bem conhecido, dificilmente estaremos formando um educador desses jovens e adultos. Normalmente nos cursos de Pedagogia o conhecimento dos educandos não entra. A Pedagogia não sabe quase nada, nem sequer da infância que acompanha por ofício. (Arroyo, 2006 p. 22)





Como aponta a Arroyo (2017), para além da luta dos conhecimentos escolares, a EJA, luta pelos conhecimentos que foram negligenciados, pelo resistir e sobreviver. Conhecimentos sociais, raciais e classes que são vivenciados e como direitos devem ser compreendidos, essa história que impacta e segrega, está intrínseca ao direito do conhecimento.

Os jovens e adultos sempre que voltam para a escola, voltam pensando em outros direitos: o direito ao trabalho, o direito à dignidade, o direito a um futuro um pouco mais amplo, o direito à terra, o direito à sua identidade negra ou indígena. Esse traço é muito importante, a educação de jovens e adultos nunca aparece como direito isolado, sempre vem acompanhada de lutas por outros direitos. (Arroyo, 2006, p 29)

Ele ainda complementa citando como se a EJA fosse um direito à educação junto aos direitos básicos. Cada estudante EJA carrega em si diversas histórias que são marcadas por lutas, pela maternidade, resistências e por saberes populares, cada um deles traz um rico repertório que foi construído fora dos muros da escola e é importante saber que muitas vezes é nesse conhecimento que se encontra o ponto de partida para a prática pedagógica. Com isso é necessário entender, como aponta Arroyo, que compõem essa classe de jovens e adultos:

Não é qualquer jovem e qualquer adulto. São jovens e adultos com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-raciais, do campo, da periferia. Se esse perfil de educação de jovens e adultos não for bem conhecido, dificilmente estaremos formando um educador desses jovens e adultos. (Arroyo, 2006 p.22).

Não podemos ignorar os determinantes sociais, étnicos e de gêneros quando olhamos para a para os educandos, quando olhamos para realidade de jovens e adultos da escola Maria Marli Piovezan nos deparamos com essa realidade econômica e histórico-cultural da comunidade:

Através de pesquisa sócio econômica realizada no ano 2019 pela unidade percebeu-se que, em sua maioria, as famílias ainda possuem empregos informais e sem registros em carteira profissional. Uma boa parcela de pais e/ou responsáveis ainda se mantém através de atividades com a reciclagem de papel, seja ela de forma independente ou através de cooperativas existentes na região. (PPP, 2023, p. 117)

Conforme aponta o Censo Demográfico, o entorno da escola é caracterizado por famílias com renda domiciliar *per capita* inferior a um salário-mínimo, aspecto que marca





profundamente as dinâmicas sociais da comunidade.

É possível observar que muitos dos educandos que compõem a EJA na instituição vieram de uma realidade do campo, no relato de suas memórias. Observamos que muitos dos educandos tiveram o direito à educação cessados pela necessidade de trabalho, muito de origem do interior, de outras regiões do Brasil, temos muitos educandos que vieram da região nordeste para sul. Tanto que quando a professora abordou em uma dinâmica temas geradores, muitos levaram as memórias das plantações, do sítio que viviam, das plantas, da natureza. “A obra de Freire afirmava que a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar.” (Hooks, 2013 p.26) Uma das propostas pedagógicas foi cuidar da horta comunitária do bairro, pois dentro dos temas geradores este foi mais recorrente, então juntos eles revitalizaram a horta comunitária, iniciando novos plantios, cuidando dos existentes. Esta que foi inaugurada em 2020.

Na sala da EJA há 19 educandos matriculados, destes 13 são mulheres e 6 homens, desses homens apenas um deles é adolescente. Na turma da EJA da escola, existem pessoas que o primeiro contato com a escola foi ali, então desde do reconhecer das letras, de segurar um lápis, relato de outros, que desistiram por suas dificuldades, que vieram fazer parte de “classes especiais” quando mais novos, uns que estão descobrindo diagnósticos atualmente, outros não tiveram escolha, a única era a roça. Quando Arroyo aponta que a educação vai além, é pelos direitos básicos, é o que se acessa dentro da escola, é o acesso à cultura, ao teatro, ao outro, a se ver enquanto comunidade dentro daquela sala.

O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. Pode construir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação (FREIRE, 1977, p. 96).

Compreendo que a possibilidade de transformação está no próprio oprimido, que, pela práxis social, pode romper com a lógica da opressão. Como destaca Freire, o propósito não é que o oprimido aspire ao lugar do opressor, mas que avance rumo à criticidade e à





emancipação. Apesar da baixa estima estar presente quando em uma sociedade na qual se você não sabe

escrever acreditam que não se sabe muito, ainda é possível alcançar muito e cada indivíduo é capaz de transmitir conhecimentos, como habilidades em costura, marcenaria, e em outras tantas áreas.

Ao escolher o caminho da escola, os jovens e adultos optam por uma via propícia para promover o seu desenvolvimento pessoal, ressaltando sua autoestima nos afazeres cotidianos, na vivência social, familiar e profissional, pois as visões de mundo estão mais relacionadas ao ver e ao fazer, apoiadas numa adesão espontânea e imediata da realidade. (Silva, 2012 p. 310);

Na prática escolar, evidencia-se o empenho da docente em fortalecer essa autoestima, construindo, através de suas intervenções pedagógicas, um ambiente de confiança, reconhecimento e valorização das trajetórias de vida dos estudantes. Com isso “entende-se que alunos provenientes de classe social menos privilegiada apresentam baixa autoestima e problemas com aprendizagem que somente será sanada com uma educação de qualidade que promova o sujeito em sua totalidade.” (Silva, 2012 p.314). Ao acolher jovens e adultos que retornam à escola carregando marcas sociais e históricas da exclusão, a prática docente torna-se ainda mais decisiva. É nessa direção que a docente observada busca, cotidianamente, fortalecer a autoestima de seus estudantes, criando condições pedagógicas que reconheçam seus saberes, suas vivências e suas potencialidades, contribuindo para que possam reconstruir sua relação com o aprender e com sua própria trajetória. Ao relacionarmos essa compreensão com a realidade da EJA, percebemos que tais desafios não podem ser reduzidos a dificuldades individuais, pois são consequências de processos históricos de opressão e desigualdade que, ao longo do tempo, negaram a determinados grupos o direito à escolarização. Reconhecer essa dimensão histórica é essencial para que a escola e o professor compreendam que sua ação pedagógica precisa ir além da transmissão de conteúdos, assumindo o compromisso ético e político de reparar injustiças, criar vínculos e promover condições reais para a emancipação dos sujeitos.

Na sala de aula, observa-se na atuação da professora regente na aplicação do que Paulo Freire denomina "Temas Geradores", ao afirmar que "investigar o tema gerador é investigar,





repite, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é a sua práxis" (FREIRE, 2024, p. 136). Dessa maneira é possível afirmar que o PIBID é

essencial para formar educadores capazes de transformar os saberes da comunidade em ferramentas de emancipação, superando a visão da EJA como mera reposição escolar e afirmando-a como processo de construção coletiva de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valorizar essas experiências pessoais no ensino da EJA é uma forma para reconhecer que o aprender não acontece isoladamente, mas é um processo coletivo repleto de afetividade e inteiramente ligado à vida. É através desse olhar sensível que se percebe que a educação transformadora se constrói a partir da história de cada pessoa. A vivência nesses acontecimentos escolares, permite um novo olhar sobre a educação, onde todas as práticas passam pela intencionalidade pedagógica, seja no auxílio das tarefas, das brincadeiras e jogos promovidos, das experimentações, tudo busca a ampliação de leitura de mundo e a consolidação do aprender. A experiência do PIBID na EJA da Escola Maria Marli Piovezan (Uberaba/Curitiba) vai para além de um espaço de educação bancária pois articula com a educação freiriana. Essa vivência transformadora só se efetiva mediante a inserção no cotidiano escolar, experiência que o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) proporciona aos graduandos em licenciatura. Reforça-se, assim, a relevância do programa na aproximação entre teoria e prática pedagógica, e a potência na formação para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A análise da realidade da Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Professora Maria Marli Piovezan evidencia que o processo educativo ultrapassa a simples transmissão de conteúdos e se estabelece como um espaço de acolhimento, reconstrução de trajetórias e reafirmação de direitos historicamente negados. A partir das observações realizadas pelo PIBID, torna-se evidente que a EJA é atravessada por múltiplas dimensões, sociais, econômicas, raciais e culturais, que marcam profundamente a experiência dos educandos e requerem práticas pedagógicas sensíveis às suas vivências. Os referenciais de Freire, Arroyo sustentam a compreensão de que a aprendizagem de jovens e adultos deve partir de seus saberes, de sua leitura de mundo e de suas histórias de resistência,





reconhecendo-os como sujeitos de direitos e produtores de conhecimento. A turma acompanhada demonstra, em sua diversidade, que a escola é espaço de fortalecimento da autoestima e de retomada de direitos.

Assim, reafirma-se que a EJA não pode ser tratada como suplência ou compensação escolar, mas como política de justiça social. Ao valorizar os temas geradores, os saberes comunitários e a práxis, a prática docente aproxima-se de uma educação verdadeiramente emancipadora, capaz de reconhecer e transformar as condições que produzem a exclusão. Conclui-se, portanto, que fortalecer a EJA significa fortalecer vidas, dignidades e direitos, reafirmando a escola como espaço de esperança, partilha e possibilidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Fc. In: SOARES, Leôncio (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Brasília: SECAD/MEC; UNESCO, 2006. p. 17-33.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA MARIA MARLI PIOVEZAN - EIEF. **Projeto Político-Pedagógico - PPP**. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Curitiba, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN): BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 11 de julho de 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, L. H. R. **PROEJA refletindo o cotidiano**. Campos dos Goytacazes (RJ): Essentia Editora, 2012



